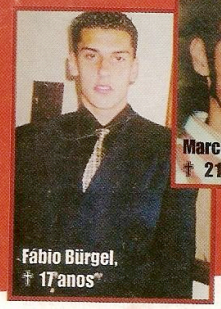
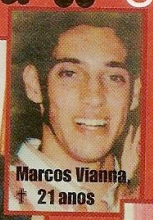
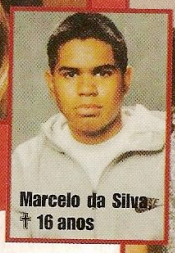
Criativa em ação

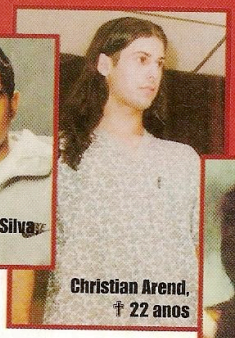

Fábio Bürgel, † 17 anos

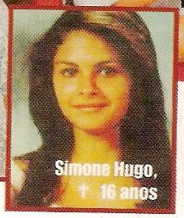

Marcos Vianna, † 21 anos

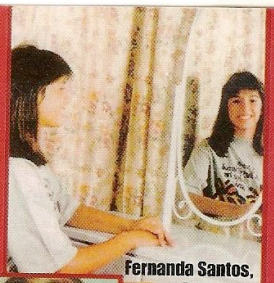

Luciana Rotta, † 17 anos

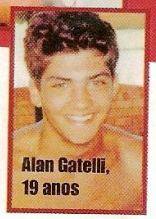

Bárbara Madeira, † 9 anos


Marcelo da Silva, † 16 anos


Christian Arend, † 22 anos


Simone Hugo, † 16 anos


Fernanda Santos, † 13 anos


Alan Gatelli, 19 anos

Fim da festa

Flávia Martinelli
Colaborou: Carol Santos

50 mil pessoas morrem em desastres de carro no Brasil. Outras 350 mil são feridas. Todos os anos. Em 61% dos casos, o acidentado estava bêbado. O cruel é que com um pouco de bom senso, isso tudo poderia ser evitado

Era um dia como outro qualquer. Thiago acordou cedo, foi de ônibus para o cursinho. Assistiu às aulas ao lado de Carine, a menina bonita que paquerava havia dois meses, encontrou amigos no intervalo e ficou por dentro do que ia rolar no fim-de-semana. Era uma sexta-feira de maio, data de exame simulado. O resultado sairia no sábado. Se Thiago tirasse a melhor nota no teste, Carine pagaria a parte dele no rateio do churrasco com a turma.

Fazia uma semana que Thiago de Moraes Gonzaga havia comemorado 18 anos. Segundo filho de uma família de classe média de Porto Alegre (RS), queria estudar Direito, ser juiz. O moço de 1m86 de altura e cabelo compridão gostava de jogar vôlei, ir aos jogos do Grêmio Futebol Porto-Alegrense, seu time do coração. Apesar de tímido, em três meses de cursinho virou o "dono do pedaço". Thiago gostava de fazer gozações com os colegas, era especialista em dar apelidos certeiros. Querido e espirituoso, liderava as rodinhas de conversa. Mas, além de tudo, sua característica marcante era a pressa. Thiago não podia perder um só instante da vida.

Parecia uma tarde como outra qualquer. Depois do cursinho, Thiago almoçou em casa com a mãe e os cinco irmãos, dormiu um pouquinho e passou o resto do dia jogando videogame no quarto com um primo. Por volta das 19 horas, os dois decidiram ir a uma festa no clube hípico da cidade. O pai de Thiago, que voltava do trabalho, cruzou com o filho na porta de casa. "Tu vais arrasar", disse orgulhoso para o menino perfumado com Carolina Herrera. Ele vestia blusa listrada azul-clarinho, colete, calça jeans, sapato engraxado. Acompanhado pelo primo, foi à festa de carona com a tia. Acontece que Thiago não gostou do baile da hípica. Despediu-se de todos e foi até a casa de Rodrigo, um amigo que morava bem perto do clu-





AS ESTATÍSTICAS TÊM ROSTO: fotos de vítimas fatais no trânsito compõem um mural na sede da Fundação Thiago de Moraes Gonzaga

"Não quero que outros pais passem pelo o que passamos"

Diza, *mãe de Thiago, com o marido* **Régis,** *criadores da campanha Vida Urgente, que mobiliza 5 mil voluntários*

Foto: Ricardo Rimoli; reproduções: acervo Fundação Thiago Moraes Gonzaga; fotos: divulgação/Projeto Impacto/Faculdade de Engenharia Mecânica da Unicamp

be. De lá, eles telefonaram para um camarada que tinha carro e os três se dirigiram a um barzinho badalado da cidade.

Parecia uma noite como outra qualquer. Thiago dançou, se divertiu, deu risadas. Só teve uma diferença. Foi a última de sua vida.

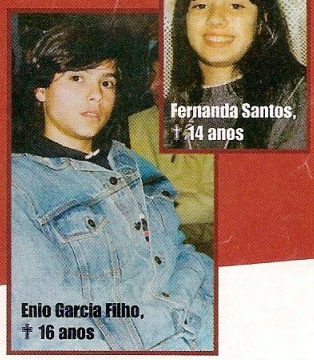
Testemunhas viram o motorista bebendo no bar. Uma garota chegou a ser importunada por cantadas sem graça do rapaz. Mas a lei brasileira não obriga o envolvido em acidente de trânsito a fazer o exame de amostra de sangue que prova a embriaguez. Isso incentiva a impunidade nos crimes do trânsito

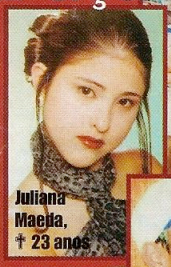
Às 4 horas da madrugada fria do dia 20 maio de 1995, Thiago pegou uma carona sem volta. Quem dirigia era o mesmo colega que o levou ao bar. O carro bateu a uma velocidade de 100 km/h em um contêiner que estava parado no escuro. E capotou, bateu em um obstáculo no canteiro central da avenida. Só parou ao se chocar contra um poste. A quinze quilôme-

Bater o carro a 60 km/h, é como cair de um prédio de quatro andares. A 80 km/h, o impacto equivale a uma queda de 25 metros



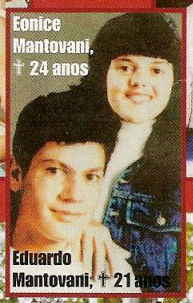
Criativa em ação

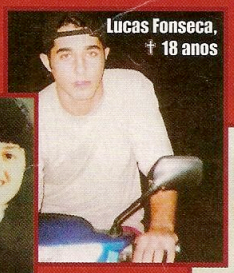


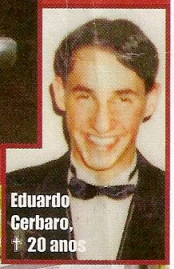












FLORES E LÁGRIMAS: Em Porto Alegre, a Praça da Juventude é uma homenagem a Thiago. Há uma placa com os nomes de outras vítimas

Sete meses antes, o irmão mais velho de Rodrigo, de 21 anos, também morreu num acidente de carro. No Brasil, o trânsito é a principal causa de morte de jovens de 14 a 25 anos

tros de sua casa, Thiago dormia no banco de trás. Rodrigo, o garoto que morava perto da hípica, estava ao lado do motorista. Tinha 17 anos. Thiago e Rodrigo morreram ao serem arremessados para fora do automóvel. O rapaz no volante, que apesar dos 18 anos não tinha carteira de habilitação, só quebrou o nariz. Do carro, sobraram só um farol, uma roda traseira e o espelhinho dianteiro.

Às 4h45, o telefone tocou na casa da família Gonzaga. Quem atendeu foi o pai de Thiago, o professor de matemática Régis. A mãe, a arquiteta Diza, ouviu o marido dizer: "O quê? Capotou o carro? Meu filho? Morto?!?" Enquanto corriam para chegar ao local do acidente, os pais repetiam entre si: "Não é possível. Alguém deve ter assaltado a carteira do nosso filho e sofreu o acidente com os documentos dele. Não é possível. Não é possível. Não é possível..."

Diza reconheceu o sapato engraxado do filho, caído a dez metros do corpo estendido no asfalto. De perto, viu o cabelo de Thiago coberto da poeira grossa da rua. "Coloquei sua cabeça no meu colo, fiquei ali, tentando limpar o pó dele. Na hora não gritei, não chorei, o que eu mais queria era poder botá-lo dentro da minha barriga e começar tudo de novo."

O luto pela perda de um filho tem o poder de destruir uma família. Por muito tempo, Régis, o pai de Thiago, entrou de noite no quarto do menino para ver se ele estava usando o cobertor. Professor do cursinho no qual Thiago estudava, Régis deu aulas ao próprio filho. Depois do acidente, cada vez que entrava numa classe, enxergava Thiago no rosto dos outros meninos. Os irmãos de Thiago repetiram de ano na escola, precisaram de terapia. A mãe, Diza, continua sofrendo a perda e a dor. Mas reagiu.

Um ano depois do acidente, ela mobilizou amigos do filho, buscou voluntários no cursinho do marido e criou a Fundação Thiago de Moraes Gonzaga. Diza organizou a campanha de conscientização Vida Urgente, sobre a mistura trágica de álcool e volante. "Não quero que outros pais passem pelo o que passamos." Grupos de jovens percorrem os pontos noturnos de Porto Alegre distribuindo panfletos e conversando com a moçada que está

Bêbado, o condutor dirige mais rápido, perde a noção de distância, fica com a visão dupla, sonolência e sente mais coragem para fazer manobras ousadas. Uma pesquisa feita em quatro capitais brasileiras indica que 61% dos acidentados no trânsito estavam alcoolizados







na *night*. Os voluntários de 18, 19 anos ganham pizza de graça em troca de abordagens descontraídas. Falam sobre os riscos no trânsito e defendem o sistema de "condutor da vez", no qual o grupo de amigos elege quem, naquela noite, não vai beber para dar carona ao resto da turma. "Não somos contra álcool. Queremos que todos se divirtam. Mas voltem para casa! E, para isso, é preciso tomar alguns cuidados: não beber quando dirigir e não dirigir quando beber, pegar carona com alguém de cara limpa, tirar o pé do acelerador, usar o cinto de segurança. É um absurdo morrer aos 18 anos!"

A campanha conta com iniciativas bem-humoradas e práticas. Como o "Buzum", o ônibus que ficou disponível para levar para casa quem saía bêbado de um famoso baile de Carnaval de Porto Alegre. "Uma mãe me ligou para agradecer. O Buzum deixou sua filha toda alegre na porta de casa. Sã e salva." As atividades do Vida Urgente ainda incluem reuniões com familiares de vítimas do trânsito que desabafam entre si e recebem orientação de psicólogos. Há 156 núcleos formados por mães que perderam filhos em acidentes espalhados pelo Rio Grande do Sul. A entidade faz montagens de peças de teatro em escolas e empresas e leva sua mensagem em shows gratuitos com bandas como Titãs, Kid Abelha e Skank. (Conheça outras ações no site www.vidaurgente.com.br)

"Nunca nos preocupamos em quantificar os resultados dessas campanhas. Para nós, as estatísticas têm rosto, não são números frios. Se um único acidente for evitado, já valeu a pena", declara Diza. Na sede da entidade, um mural de fotos de mortos no trânsito (reproduzidas no alto das páginas dessa reportagem) é o elemento motivador do exército de cerca de 5 mil voluntários do movimento.

Em São Paulo, a entidade inaugurou uma filial em 1998, coordenada pela Instituto de Ortopedia e Traumatologia do Hospital das Clínicas. A advogada Cláudia Vidigal, de 35 anos, é uma das voluntárias. Quando tinha 28 anos, o namorado dela capotou o carro numa estrada e Cláudia ficou tetraplégica. Hoje, ela percorre escolas e empresas contando sua história e divulgando a campanha Vida Urgente. Para Claudia, Diza e milhares de mães brasileiras, nenhum dia mais será como outro qualquer. Esta reportagem é uma homenagem a todas elas. ✿

60% dos leitos hospitalares públicos de todo o Brasil são ocupados por vítimas de trânsito

Só no ano 2000, 20.593 vítimas de acidentes de trânsito nas estradas federais ficaram numa cadeira de rodas pelo resto da vida. Estima-se que, anualmente, 350 mil pessoas são feridas e 50 mil morrem em acidentes no Brasil

"Eu dormia quando meu namorado capotou o carro numa estrada. Acordei tetraplégica. Carro também é arma"

Cláudia Vidigal,
voluntária da Vida Urgente

Criativa ✿ em ação

Esta é a quarta reportagem de uma série de seis, com um tema por edição. No final, vamos eleger um dos temas como nossa causa. Mande sua sugestão para: Criativa ✿ em ação, Av. Jaguaré, 1485, 4º andar, São Paulo, SP, CEP 05346-902, ou criativa@edglobo.com.br. A causa será de todas nós!



Foto: Ricardo Rimoli; Julio Vilela; reproduções: acervo Fundação Thiago Moraes Gonzaga; fotos: divulgação/Projeto Impacto/Faculdade de Engenharia Mecânica da Unicamp